



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM JORNALISMO

Carina Barros Lins

**O esquecimento do rio Beberibe e os transtornos climáticos que afetam a
população dos bairros periféricos do Recife**

Relatório apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito necessário à obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo.

Recife

2023

Relatório
Título: O esquecimento do rio Beberibe e os transtornos climáticos que afetam a população dos bairros periféricos do Recife
Autor(es): Carina Barros Lins
Formato: Reportagem audiovisual
Semestre/Ano de Execução: 2022.2
Orientador: Adriana Maria Andrade de Santana
Curso: Jornalismo
Sinopse: a reportagem audiovisual retrata o descaso do poder público com o rio Beberibe e conta a história da população que mora no entorno dessa bacia hidrográfica. Além disso, o projeto busca por respostas da Prefeitura do Recife e do Governo do Estado de Pernambuco, a fim de solucionar a questão que vem se prolongando ano após ano.
A. relato do que estava planejado;
<p>A princípio, eu tinha em mente que faria uma produção parecida com o documentário jornalístico, “Da lama ao caos: a dor que não tem nome – mas tem cor – e a tragédia anunciada das mudanças climáticas em Pernambuco”, uma das produções vencedoras no ano de 2022, do 14º Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, do Instituto Vladimir Herzog, que realizei com dois grandes amigos: Gabriela da Silva de Andrade e Paulo Leandro Mota do Nascimento, com orientação da professora Adriana Santana.</p> <p>No entanto, quando me deparei com a poética do meu Trabalho de Conclusão de Curso, percebi que determinadas narrativas, por mais que sejam parecidas, têm histórias e contextos diferentes. No decorrer da elaboração do meu Pré- Projeto, eu tinha planejado, através do formato de documentário jornalístico, evidenciar o descaso do poder público com o rio Beberibe e as demais problemáticas sociais que foram perdurando. Mas ao longo da produção percebi que eu estava desenvolvendo um produto que se aproximava mais do gênero de reportagem audiovisual, pois além dos relatos das entrevistas, acrescentei características presentes nesse gênero, como: passagens, locuções e vários materiais de arquivos pessoais, históricos e jornalísticos.</p>

No pré-projeto, eu também defendia que iria desenvolver um produção que houvesse um tempo de 15 minutos, mas devido o desenrolar da caminhada finalizo o trabalho com 22 minutos e 51 segundos. Inclusive, eu também mudei o tema da reportagem e fui direto para o ponto factual e deixei dessa forma: O esquecimento do rio Beberibe e os transtornos climáticos que afetam a população dos bairros periféricos do Recife. Em decorrência disso, na elaboração do projeto, eu consigo responder questões que estavam no objetivo específico, seja a moradia, a poluição, a falta de cuidado com o meio ambiente e os transtornos climáticos das enchentes ocasionados pela interferência humana. O único ponto que não abordei na produção foi identificar se realmente houve algum diagnóstico de doenças causadas pelas enchentes em dias de chuvas, pois durante as minhas entrevistas com as personagens, todas elas relataram que não tiveram doenças por conta da água contaminada.

Além disso, meu planejamento era entrevistar apenas três personagens de gêneros diversos, mas no decorrer da caminhada só consegui o contato de mulheres que queriam falar sobre o assunto e, em vez de três, foram cinco. Cada uma falou de uma forma específica de como o esquecimento do rio Beberibe ainda é um problema que está presente na contemporaneidade. Já com as fontes institucionais, que foram os professores e o Coordenador da ONG 'Salve Beberibe', não tive nenhum problema em contatá-los.

Outro fator que é importante destacar é que no meu pré-projeto eu questiono por que a obra de revitalização do rio Beberibe está a passos lentos, mas não cito no documento que obras são essas. Já na reportagem deixo tudo detalhado e volto ao ano de 2003 para entender o Programa de Infra-Estrutura em Áreas de Baixa Renda da Região Metropolitana do Recife (RMR) - PROMETRÓPOLE, que foi coordenado pelo Governo do Estado, através da Agência CONDEPE/FIDEM e executado em parceria com as Prefeituras do Recife e de Olinda. Esse projeto não teve êxito. Por isso, contextualizo a problemática e faço uma outra abordagem com o Programa de Aceleração do Crescimento (mais conhecido como PAC), que foi criado em 2007.

B. dificuldades encontradas;

Durante toda a montagem do material, não consegui recrutar uma equipe de gravação como aconteceu no documentário "Da lama ao Caos", e como assumi a responsabilidade de realizar toda a execução do projeto sozinha, pude ter o apoio dos profissionais do Laboratório de Imagem e Som (LIS) da UFPE, para me ajudar nessa missão.

No período das gravações que começaram no mês de fevereiro de 2023, tive o auxílio do cinegrafista Sebastião dos Santos, que por duas semanas esteve comigo gravando na universidade e nos bairros de Beberibe, Cajueiro, Dois Unidos, Porto da Madeira e Rosarinho, para fazer as filmagens no horário da manhã, porque à tarde eu estava no estúdio. No decorrer do percurso, lidei com gastos de transporte e desistência de algumas personagens que não podiam gravar naquele momento.

Além disso, quando eu estava produzindo o Trabalho de Conclusão de Curso, o estado de Pernambuco neste ano de 2023 estava enfrentando a transição de Governo, com a saída de Paulo Câmara (PSB) para a entrada de Raquel Lyra (PSDB). Então, muitos gestores foram destituídos dos cargos e nessa troca de funções, eu não consegui ter acesso a nenhum representante do governo que falasse sobre a importância do rio Beberibe e qual seria a implementação de uma política emergencial para resolver a problemática. A assessoria da Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH) afirmou que estava sem diretor no momento para falar sobre o assunto e preferiu se manifestar por meio de nota.

Já a assessoria da Prefeitura do Recife não fez diferente, e também por meio de nota se pronunciou sobre a questão e ressaltou que a responsabilidade do rio Beberibe era do Governo do Estado. Por fim, coloquei a justificativa de ambos no documentário, a fim de que o telespectador avalie e tire as próprias conclusões sobre o assunto.

C. superação das dificuldades;

Apesar dos empecilhos que aconteceram durante a produção, conseguir elaborar e captar um bom material. Na edição, que foi realizada com o editor Paulo Sano, nas duas primeiras semanas de março, por exemplo, e na Trilha e Mixagem com Felipe Peixoto, gravei a locução e colocamos, através de uma curadoria, as melhores cenas para compor o trabalho. Também é importante salientar que tive alguns problemas com o designer, mas consegui contornar de uma maneira que não fosse comprometer o trabalho.

D. auto-avaliação apresentando a relação aluno/curso, projeto/curso, aluno/projeto/mercado;

Confesso que estou muito satisfeita e orgulhosa com o resultado do projeto. Ele é fruto de uma intensa pesquisa que reflete não só a minha realidade social - sou moradora do bairro de Cajueiro e vivo diariamente com essa questão - , mas reverbera na realidade social de outras pessoas. Nas entrevistas, por exemplo, conversei muito com as mulheres

que se dispuseram e trouxeram à memória cenas fortes de alagamentos. No diálogo, senti a dor de cada uma quando o assunto era enchente e perda de bens materiais, os quais elas batalharam tanto para conquistar.

Com esse projeto, percebi que amadureci muito durante os meus cinco anos no curso de jornalismo e através da Universidade Pública, apesar das poucas bolsas disponibilizadas pelo Governo Federal, eu pude metaforicamente me lançar ao mar (que é a UFPE) para conseguir participar de grandes projetos. Na graduação, por meio das aulas com grandes professores, aprendi a ter um olhar sensível sobre a notícia, adquiri experiências, escutei boas e más histórias e coloquei em prática tudo aquilo que experimentei. Acertei, errei, me apaixonei por rádio, por televisão, edição e pela área acadêmica. Tudo isso aconteceu graças às grandes professoras que cruzaram meu caminho durante a minha formação: Paula Reis, Ana Veloso, Yvana Fachine e Adriana Santana. No final das contas, entendi e aprendi com elas que um bom jornalismo se constrói na base da verdade.

Hoje, saio do curso com o dever cumprido, mas ainda continuo com uma sede insaciável na busca por conhecimentos e espero que o mercado me receba com um olhar de que é possível fazer um jornalismo autêntico, inclusivo e diverso.